

O Altar de Pulú

Cícero Félix de Sousa (Universidade de Brasília –UnB)¹

RESUMO

Com uma escrita poética, forjada na experiência sensorial do conhecer e perceber através dos sentidos, este artigo tem por objetivo descrever o inapreensível na montagem e reza do Altar do Menino Deus, tradicional auto natalino que atravessa gerações e é realizado há mais de quatro décadas por Dona Pulú, entre 24 de dezembro e 6 de fevereiro, no Jataí, comunidade rural de Canápolis, Oeste da Bahia. Essa manifestação religiosa, que representa a espetacularidade cotidiana em celebração ao sagrado e ao prazer de estar juntos, integra os estudos de meu doutoramento, cuja base teórica/metodológica está assentada na Etnocenologia, disciplina transdisciplinar que reconhece a alteridade não como algo diferente, mas singular, de modo a reconfigurar a noção eurocêntrica do saber, desierarquizando o *status quo* do conhecimento. É com esta perspectiva que se desenvolve a escrita poética e sensorial desse artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Auto natalino, Etnocenologia, Oeste da Bahia, artes da cena; espetacularidade

RESUMEN

Con una escritura poética, forjada en la experiencia sensorial de conocer y percibir a través de los sentidos, este artículo tiene como objetivo describir lo esquivo en el montaje y oración del Altar do Menino Deus, cohenavideño tradicional que atraviesa generaciones y se ha realizado durante más de cuatro décadas por Dona Pulú, entre el 24 de diciembre y el 6 de febrero, en Jataí, una comunidad rural de Canápolis, al occidente de Bahía. Esta manifestación religiosa, que representa el espectáculo cotidiano en celebración de lo sagrado y el placer de estar juntos, forma parte de mis estudios de doctorado, cuya base teórico / metodológica se fundamenta en la Etnocenología, disciplina transdisciplinar que reconoce la alteridad no como algo diferente, sino único, con el fin de reconfigurar la noción eurocéntrica de

¹Cícero Félix de Sousa é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UnB, sob a orientação do professor Dr. Graça Veloso; é graduado em Comunicação Social com habilitação em jornalismo impresso e mestre em Letras. Atualmente é professor da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). Em 2018 publicou, em co-autoria com Rui Rezende, o livro *Vaqueiros do Raso da Catarina*. Desde 2009 pesquisa a cultura sanfranciscana da região.

conocimiento, desjerarizando el status quo del conocimiento. Es con esta perspectiva que se desarrolla la escritura poética y sensorial de este artículo.

PALABRAS-CLAVE: Auto de navidad, Etnocnologia, Oeste de Bahía, artes escénicas; espectacularidad.

“(...) julgo ser melhor curar-se a gente com um tapuia do sertão, que observa a natureza com mais desembaraçado instinto e com mais evidente felicidade.”

Frei João S. Joseph Queiroz (1868, p.10)

Introdução

O que há por baixo da pele de Dona Pulú? Seus olhos gateados, o que tem atrás deles? O que está inscrito em seu corpo de mulher negra, rezadeira e benzedeira descendente de indígena? Conheci Dona Pulú no dia 10 de dezembro de 2015. Tínhamos² ido entrevista-la no Jataí, meio rural de Canápolis (BA), para um estudo etnográfico sobre a religiosidade praticada pelos povos do Território de Identidade da Bacia do Rio Corrente (TIBRC), no Oeste da Bahia.

Toda vez que escuto o áudio da entrevista daquele dia e os registros audiovisuais do Altar do Menino Deus, realizado catorze dias depois, fico a me fazer sucessivas perguntas, embora não busque respostas. O intuito é apenas criar mecanismos para me mover pelo labirinto estético e espetacular da relação com o sagrado manifestada ali. Portanto, o objetivo é fazer a descrição do inapreensível, através de uma escrita poética forjada na “experiência sensorial da expressão da alteridade” (BIÃO, 2009, p. 123), na qual o conhecer e o perceber se fazem pelos sentidos. Essa descrição – que mais parecem anotações sensoriais de práticas artísticas –, será feita em três partes: na primeira, falo do dia em que conheci e entrevistei Dona Pulú; na segunda, trato da montagem do Altar do Menino Deus e decoração da sala; na última, descrevo o roteiro da reza, o canto e o samba da lapinha.

Dona Pulú: “orgulho deu num sê uma ninguém”

²Eu, Renata Pinto, minha orientanda de iniciação científica à época, e Hermes Novais, exímio conhecedor dessa região baiana e proprietário do espaço “Guardados do Hermes”, em Santa Maria da Vitória, cidade vizinha a Canápolis. Nesse espaço ele guarda um enorme acervo de objetos que contam a história dos povos desse território. Foi ele que nos deu as primeiras informações sobre Dona Pulú.

Chegamos à casa de Dona Pulú no meio da tarde. Era uma quente quinta-feira de dezembro. A casa fica em um terreno inclinado que dá num vale, cercada pelo isolamento da vegetação catingueira dos gerais³. Essa estética bucólica me levou a lugares esquecidos de minha memória. Nessa estética de lugar sem tempo viveu minha avó e minha displicente infância.

Seu Camilo nos recebeu sacudindo de alegria seu pequeno corpo. Devia medir um metro e meio, aproximadamente, o que explicou a altura das portas. Companheiro de Dona Pulú, ele não escondeu a curiosidade em seus olhos inquietos até ela aparecer, surpresa com a visita. Sua presença, de alguma forma, trouxe à sala outras presenças que extrapolaram a materialidade de seu corpo. É como se ela carregasse em si mais do que os olhos alheios pudessem ver. Depois de um breve cumprimento e algumas palavras, ela retornou por onde havia chegado. Pouco tempo depois, reapareceu. Mais expansiva, nos levou para uma extensão da cozinha, onde uma mesa com café, requeijão e biscoito frito de tapioca nos aguardava. Com generosa alegria ela disse que não era muito, “mas servia”.

Registrada como Apolinária Barbosa da Silva, Dona Pulú nasceu em 1947. Ela é de um tempo que não consigo conjugar. Seu corpo começou antes de sua matéria, formado de um tempo que continuará nos seus descendentes... Seus avós maternos, netos de indígenas, são a lembrança consciente mais remota que ela tem de sua ancestralidade. “Meu avô era pretin, pretin mermo, mas o cabelo chega era fofo, escorrido. Parecia mermo era... num sei cuma era! mas uma pele lisa que fazia prazer”, conta ela, que nascera e se criara ali, naquelas terras. Tivera quatro abortos e nove filhos, dos quais apenas Malvina, a filha mais velha entre as mulheres, mora perto, os outros foram “pro mundo”.

³O dicionário Aurélio (FERREIRA, 2010) registra “gerais” como: 1.Campos do Planalto Central. 2.Lugares desertos e intransitáveis, no sertão do Nordeste. 3.Campos planos cobertos de erva ou grama. 4.Campos extensos, inaproveitados e pouco habitados.

Imagem 1 - Dona Pulú.



Imagem capturada de registro audiovisual feito pelo autor em 24/12/2015.

Esse “mundo” para onde “os fio” foram, não é o seu mundo. O seu mundo é ali. Aquela terra é seu corpo, nela ela está enraizada, nela estão os seus mortos e, entre eles, sua principal referência religiosa, a “Véia Joana”, sua avó materna octogenária falecida há mais de 30 anos. Com ela, Dona Pulú aprendeu a rezar e levantar o Altar do Menino Deus:

“Ela fez um voto de levantar esse Altar dois anos. Aí quando completou dois anos, a madinha dela pediu pra durante vida ela tiver levantasse o Altar do Menino Deus. Quando ela faleceu deram o santo pra mãe. Ficou mãe levantano o Altar. Aí mãe morreu, eu continuei até hoje. Agora de amanhã em diante num sei. Só Deus sabe, né? E no meio de tudo da fãmia, forante dos que morreu, ficou só eu, que preni as oração da véia. Parece que era praticamente pra mim, mermo”.

No lugar da religiosidade de Dona Pulú não cabem definições prévias, rótulos, etiquetas ou classificações. “Num sei se sô católica... credito que sô. Num sei, Deus é quem sabe”, diz ela. Depois, complementa:

“Porque eu sô aqui sô de tudo. Eu sô da igreja, eu sô da medicina, eu sô de tudo que pensar. Contece que chega uma pessoa, nem todos credita... aqui já tem vindo pessoas com criança já quagemorreno; mãe vem com fio nos braço chorano, chega aqui eu benzo, faço um conzido ali duma foia, dum negócio, Deus ajuda que na merma hora vai embora, sara”.

A prática desses saberes ancestrais resiste nos subterfúgios da fé, na marginalidade da devoção, em enfiamentos contínuos contra o preconceito e a discriminação. Dona Pulú desabafa:

“Já ganhei nome de feitiçêra. Sô isso, sô aquilo, praquê, graças a Deus eu sô uma nega mas eu amo todo mundo. Todo mundo que chega tem aquela coisa comigo. Então muitos sente orgulho deu num sê uma ninguém. E com eles não é igualmente. Então diga q’eu sô feitiçêra por isso, por aquilo, praquê o povo gosta de mim. Eu nem tô. Num tôdeveno ninguém, quero sabê é de Deus. Num tano prejudicano ninguém pra mim é o que basta”.

Esses preconceitos sobre os saberes religiosos de Dona Pulú, apesar de refletirem uma estrutura de poder que normatiza o que é e o que não é conhecimento aceitável, não impedem que ela realize em sua casa, há décadas, o Altar do Menino Deus. O auto natalino começa no dia 24 de dezembro, com a presença dos povos do Jataí e comunidades vizinhas. O ritual segue até 6 de janeiro, Dia de Reis, com a reza do Terço de Nossa Senhora Mãe de Misericórdia, todas às noites, com exceção do sábado⁴, quando se reza também o Ofício de Nossa Senhora da Imaculada Conceição. As duas datas estão interligadas por um acontecimento fundante do cristianismo: o nascimento de Jesus Cristo que, segundo a tradição católica, aconteceu à meia noite do dia 24, zero hora do dia 25 de dezembro.

Escuto Dona Pulú contar tudo isso com olhos assentados numa paisagem simbólica que desvela uma relação singular com o viver e com o conviver, com ouvidos perdidos no presente das ondas sonoras de um tempo passado. Ia escurecer. Precisávamos ir. A entrevista terminava ali. Não foi muito, mas *serviu*. E como! Essa é a filosofia de Dona Pulú: servir, servir o outro e a si, e provavelmente nessa ordem. Fiquei de retornar no dia 24 de dezembro, para registrar em audiovisual o processo de montagem do Altar do Menino Deus, a decoração da sala, a reza e o samba. Assim o fiz.

O corpo do Altar

No dia 24 de dezembro a rotina do cotidiano rural do Jataí é tirada de sua normalidade, transgredindo o silêncio com a estética sonora das rezas femininas, sambas, comidas e desejos de estar juntos em festa. Uma fenda repentina se abre no tempo para a celebração coletiva da *poíesis* da fé, do encontro e do reencontro. É dia do comportamento restaurado, como diz Schechner⁵, dia de “pedir e agradecer”, dia de atualizar a memória dos saberes sagracionais herdados por Dona Pulú e já incorporados por sua filha Malvina.

A casa tem cheiro de festa. Cedo, as pessoas chegam para ajudar nos preparativos. Os homens, sob o comando de Seu Camilo, vão à mata “caçar” os “enfeitos”. As mulheres ficam no cuidar da comida. Assim que eles retornam, com baldes de mangas verdes e folhas de palmeiras e bananeiras, velhas caixas com adereços

⁴ Por uma razão não identificada, a tradição católica recomenda a reza do Ofício de Nossa Senhora da Imaculada Conceição no sábado. Segundo a tradição, Nossa Senhora se ajoelha no céu toda vez que o ofício é rezado ou cantado na terra.

⁵ Para Richard Schechner (2013, p. 34), comportamento restaurado (*restoration of behavior*) são hábitos, rituais e rotinas da vida (*“The habits, rituals, and routines of life are restored behaviors”*).

e baús são colocadas na sala. Adultos e crianças se misturam em uma relação de afetos que repete as experiências de Dona Pulú com a Vêia Joana. O burburinho emana de todos os espaços: corre o terreiro, alpendre, cozinha e explode na sala, onde o Altar do Menino Deus começa a ser montado a um canto. Apesar do protagonismo de sua família nessa tradição religiosa, a festa é de todos e para todos da comunidade. Declara Dona Pulú, “é felicidade pra mim e pra todos”. Todo ano há a mesma expectativa de “chegádezembo, módechegá a lapinha”. “Então é pra mim e pra todos”, conclui ela.

Imagem2 - Altar do Menino Deus montado na sala da casa de Dona Pulú. O pequeno quadro foi herdado de sua avó.



Imagem capturada de registro audiovisual feito pelo autor em 24/12/2015.

As folhas, colocadas em dois galões brancos nas laterais de uma pequena mesa, se encontram no alto formando uma abóbada verde. Da mesa desce uma toalha branca que cobre o baú colocado à frente. As imagens do Sagrado Coração de Maria, Nossa Senhora Aparecida e a Virgem Maria são coadjuvantes do Menino Deus na manjedoura rodeado de anjos, dentro de um pequeno quadro amarelado e de moldura gasta. Posto à mesa, entre um velho oratório de madeira e a bandeja de velas, Ele ocupa a centralidade do Altar em sua discreta simplicidade de quem vive para renascer a cada ano, na espetacular representação de fé. Bolas de vários tamanhos, pisca-piscas, festões, bandeiras e outros adereços dão brilho e cor à estrutura. Bandeirolas cruzam o teto com uma paleta de pintar os olhos. Uma placa amarrada à linha sobre o Altar, com a frase *Merry Christmas* em sino dourado com laço vermelho, baila no ar como a coroar o canto sagrado de adoração. Essa composição visual me fez refletir sobre o colonialismo da indústria cultural, identidade e desterritorialidade, mas disso falarei em outro momento.

O verde que sobe das folhas e se espalha nas mangas penduradas nos caibros e ripas da sala, metamorfoseou o teto numa generosa copa de mangueira *amilagar* frutos. A subjetividade dessa decoração expande a compreensão estética da relação homem/natureza e homem/existência. Talvez essa seja a “experiência mágica de suspender o céu” através do canto, dança e viver das tradições, da qual fala o ambientalista indígena Ailton Krenak. Para ele, isso é ampliar nosso horizonte existencial e enriquecer nossas subjetividades (KRENAK, 2009, p. 15).

Imagem 3– Detalhe da decoração do teto da sala onde está instalado o Altar do Menino Deus.

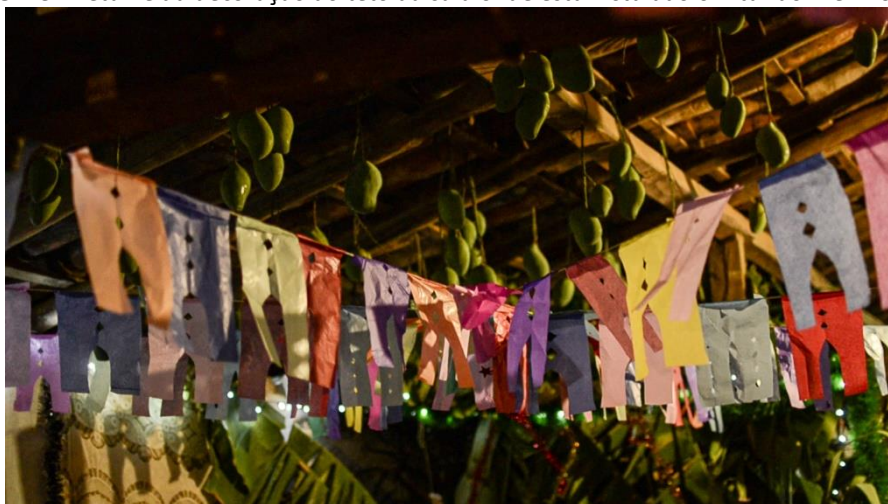


Imagem capturada de registro audiovisual feito pelo autor em 24/12/2015.

Essa experiência com as mangas, a completar a decoração do ambiente, me levou para o tempo em que a Véia Joana pendurava cachos de banana e de coco no teto, conforme a fartura da fruta naquela “quadra”. “Quadra” era uma medida de tempo que provavelmente associada ao ciclo lunar ou a certas temporalidades. Para se referir ao período de um acontecimento, por exemplo, se dizia: “Ele nasceu na *quadra do piqui*”, “Isso aconteceu na *quadra da lua*”. Logo, entendi que naquele momento estávamos na “quadra da manga”. E, por mais que me impressionasse aquelas frutas compondo a estética simbólica da decoração, para Dona Pulú não passavam de simples “enfeito”, assim como os outros adereços.

Terminada toda a decoração, Dona Pulú cobriu a frente do Altar com uma toalha. Ela explica que é “mode o povo num ficá ali atentano, essas coisa assim. Ficá ali negocado, né? Aí tampa! Na hora de rezar, aí é só destampou e pronto”.

Imagem4– Dona Pulú com a filha Malvina (à direita) e algumas rezadeiras.



Imagem capturada de registro audiovisual feito pelo autor em 24/12/2015

A reza é feminina

Rezadeiras e demais moradores do Jataí e comunidades vizinhas chegam por volta das oito horas da noite, em pequenos grupos. A lua cheia alumia os rastros de conversas prosaicas perdidas na estrada até a casa de Dona Pulú e Seu Camilo. Todos chegam animados. O dia 24 de dezembro é especial, é o dia de suspender o céu, de pedir e agradecer, sambar e cantar, beber e comer. É dia do nascimento do Menino Deus, é o primeiro dos 14 dias de reza do Altar. É dia de festa.

Depois de afetuosos cumprimentos, gestos delicados e risos curtos com olhos curiosos, as mulheres se acomodam em torno do Altar e dão início a reza. As rezadeiras são de todas as idades, de todas as vaidades, de todas as belezas do percurso trajetivo da vida. Com suas vozes carregadas de sentimentos profundos, elas protagonizam o momento dramático da manifestação. Nesse momento, cabe aos homens a presença discreta no fundo da sala, com a cabeça baixa e chapéu no peito, em silêncio.

A reza segue até meia-noite, hora do nascimento do Menino Deus. Mas, no Altar de Dona Pulú, é Maria, a mãe do Menino, a mais celebrada na noite. Das 11 orações que consegui identificar, seis são para Ela (Ave Maria, Salve Rainha, Terço de Nossa Senhora Mãe de Misericórdia, Sonho de Nossa Senhora, Ofício de Nossa Senhora da Imaculada Conceição e a Ladainha de Nossa Senhora, em latim) e apenas uma é para o seu filho nascido (dessa não encontrei o nome). As outras são Via-Sacra de São Francisco Xavier, Pai Nosso, Creio em Deus Pai e a Oração do Santo Anjo. Esse período de reza, que antecede o nascimento do filho de Maria, constitui para mim a representação simbólica do trabalho de parto, na sua dilatação ritmada no compasso do

nascimento. Os versos das ladainhas, benditos e outras orações saem como gemidos de dor a reverberar pela casa, vazar pelas frestas das janelas, portas e brechas do telhado. As mulheres suspiram, pedem graça e proteção. Seus corpos são instrumentos de outras consciências, vozes, seres e dores paridas da memória, inebriados pela subjetividade da poesia dogmática. Em alguns momentos, esses suspiros parecem um debulhar de palavras com lábios trêmulos.

Embora pareça por esta breve descrição que a reza aconteça como um ritual contínuo, ela é realizada em dois blocos com um intervalo entre eles para o café, prosa, petate e brevidade. Em síntese, no primeiro bloco elas rezam o *terço* e cantam os benditos; no segundo, o *ofício*, a ladainha em latim e benditos. Dona Pulú participa dos dois, mas só puxa a reza no segundo bloco, que inicia por volta das onze horas, uma hora antes do *parto* se consumir. Antes, porém, quero destacar dois momentos da reza. Um é o que concede a Seu Camilo a única participação masculina na reza e, o outro, é a ladainha em latim.

Sempre fui impressionado pela Salve Rainha. Lembro que nós a rezávamos durante todo o mês de maio na escola e eu sentia intensamente a dor daquele triste “vale de lágrimas” na qual a reza nos colocava como pecadores. Mas, aquela Salve Rainha das rezadeiras em nada se parecia com a Salve Rainha da minha infância, embora tivesse a mesma letra. Primeiro porque elas cantam, o que significa outra linguagem estética de se relacionar com o sagrado. Segundo porque é nesse momento que acontece a única participação masculina na reza, e dura apenas 15 segundos. Ao final da Salve Rainha, Seu Camilo, em participação solo, canta uns versos em latim. Na sequência, as mulheres respondem em uníssono e em canto: “Amém, amém! Jesus, Jesus”.

Imagem5 – *Algumas das rezadeiras mais idosas. Elas participam de várias manifestações religiosas na comunidade*



Imagem capturada de registro audiovisual feito pelo autor em 24/12/2015.

Muitas das orações da reza do Altar são resíduos ativos do devocionário colonial (WILLIAMS, 1979, p. 125), a exemplo da Ladainha de Nossa Senhora, rezada em latim. Essa reza em latim tem uma representação simbólica singular dentro do ritual. A língua estrangeira não é uma barreira para as rezadeiras, nem a materialidade linguística sonora ou escrita são os únicos caminhos para o sentir e o saber da fé. Embora haja a Ladainha de Nossa Senhora em português, em latim ela tem um arquivo memorial afetivo, sobretudo, porque a tradução é incapaz de incorporar e reativar a experiênciacultural da comunidade. O significativo, pois, ganha outro significado, de uma semântica sensorial e ancestral próprias. Assim era rezado pela Véia Joana, assim é rezado por Dona Pulú, assim ambas são inseparáveis.

Encerrada a reza à meia-noite, como de costume, um silêncio de expectativa e nervosismo toma conta da sala. As mulheres suspendem o tempo e aguardam o galo anunciar, enfim, o parto do Menino. Logo, atendendo ao roteiro da alegoria, de algum lugar o galo canta e de algum lugar alguém avisa: “O galo cantô!”. Nessa hora elas batem palmas, cantam, gritam vivas e se abraçam contentes, aliviadas, descansadas, no sentido de quem acaba de parir. Um foguetório explode no terreiro, dando eco ao canto alegórico do galo. O *parto* é anunciado no Jataí e desperta a caatinga de sua dormência noturna.

O Menino Deus *recém-nascido* no pequeno quadro no centro do Altar continua imóvel na sua serenidade de corpo branco e olhos claros, rodeado de mulheres e mães negras como Dona Pulú, a festejar seu nascimento mais uma vez, mais um ano... Em seguida elas se dispersam. É hora da farofa e do café! Um grupo de homens adentra a

sala em fila. Eles carregam tambores, pandeiros, flautas, triângulo, ganzá e reco-reco. Um a um se ajoelham diante do Menino, fazem o sinal da cruz e vão formando um círculo na sala - é um grupo de reisado que tradicionalmente vem cantar a *lapinha* na noite de Natal. Depois do canto de saudação ao Menino Deus, eles dão início ao samba. Nessa hora, discretamente Dona Pulú cobre o Altar, como a guardar uma criança no sono. Agora, são os corpos masculinos que protagonizam a louvação do ritual. Eles sambam alegres e em círculo como se fossem um único corpo em movimentos improvisados. Um folião desafia o outro a se apresentar no centro, outro se concentra no invisível, outro reza calado em passos tortos... Assim brincam, cantam, dançam, suam, bebem, transpiram, rodam, rodam... e tomam mais cachaça, raizada amarga e gengibre... e bebem da fé que os move nessa experiência sagrational. O samba não tem hora para acabar e Dona Pulú está descansada. O Terço de Nossa Senhora Mãe de Misericórdia continuará a ser rezado todas as noites, e o Ofício de Nossa Senhora da Imaculada Conceição aos sábados, como já foi dito, até o dia 6 de janeiro, Dia de Reis. No dia 7, o Altar do Menino Deus é desmontado e guardado para o próximo ano.

Considerações

O dia 24 de dezembro de 2020 não teve o Altar do Menino Deus no Jataí. O contexto assustador e preocupante da pandemia da covid-19 recomendou prudência. A tradição foi suspensa e todos foram privados do prazer da respiração coletiva em festa. 2020 foi um ano em que o Menino tornou a nascer simbolicamente, mas sem a dor (reza) e a alegria (samba) do parto que há décadas suspende o céu no Jataí.

De 2015 para cá, Dona Pulú desenvolveu um “caroço” no pescoço e precisa de uma cirurgia que já foi adiada várias vezes. Com a visão encurtada, seus olhos também precisam de tratamento médico. Ela aguarda na fila do serviço público de saúde, agora esgotado pela pandemia. Nesse período a visitei algumas vezes, e o Altar do Menino Deus acabou se tornando matéria de estudo do meu doutoramento, iniciado no segundo semestre de 2020, no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGCEN) da Universidade de Brasília (UnB).

Com o surgimento da disciplina Etnocenologia, em 1995⁶, ampliou-se o horizonte de pesquisa dedicado às artes do espetáculo, com a inserção dos “fenômenos

⁶ A Etnocenologia foi criada em 1995 no colóquio Maison des Cultures du Monde, em Paris, por vários estudiosos que, em princípio, definiram que a disciplina iria estudar as Práticas e Comportamentos Humanos Espetaculares Organizados.

sociais extraordinários e, até, as formas de vida cotidiana, quando pensadas enquanto fenômenos espetaculares” (BIÃO, 2007, p.23). Categorizado como rito espetacular, O Altar do Menino Deus é reconhecido como um desses fenômenos etnocelógicos. Pela sua forma social de representação e interação humana, “percebe-se a organização de ações e do espaço em função de atrair-se e prender-se a atenção e o olhar de parte das pessoas envolvidas”:

Trata-se de uma forma habitual, ou eventual, inerente a cada cultura, que a codifica e transmite, de manter uma espécie de respiração coletiva mais extraordinária, ainda que para parte das pessoas envolvidas possa se tratar de um hábito cotidiano. Assim como a teatralidade, a “espetacularidade” contribui para a coesão e a manutenção viva da cultura.(BIÃO, 2009, p. 35)

Faço esses esclarecimentos para situar o campo de discussão do Altar do Menino Deus em meus estudos, embora não pretenda fazer agora um debate teórico e metodológico da Etnocenologia. Por enquanto, fico com esse exercício de descrição do inapreensível. Sempre que revejo os registros audiovisuais de 2015 encontro algo que me escapou. Também, pudera, quem se debruça agora sobre esse material não é o mesmo que testemunhou a manifestação naquele ano e guarda essa experiência sensorial na memória em um lugar afetivo.

Antes de concluir, no entanto, quero dizer que as perguntas do início desse texto não foram feitas para obter respostas, como disse, mas para suscitar novas perguntas. Por isso fico a refletir sobre o lugar de fala de Dona Pulú e da existência do Altar do Menino Deus; esse lugar da encruzilhada, da liminaridade, do suspiro da dor e da alegria do subalterno; lugar historicamente silenciado e invisibilizado; lugar da mulher negra que tem em seu sangue a ancestralidade indígena; lugar dos povos tradicionais que carregam em seus corpos a memória da catequização colonial portuguesa, da violência dos sertanistas contra seus antepassados originários, negros e pobres; lugar das guerras pelo poder do “sinhô” que virou “coroné”, e do forasteiro que veio “grilar” sua terra. Esse lugar de fala de Dona Pulú, é o das narrativas históricas, das memórias afetivas, étnicas, éticas, estéticas e sensoriais das tradições orais que reafirmam as posturas identitárias de quem ali reside e resiste com seus saberes híbridos e grávidos de várias matrizes.

É nesse lugar que moram Dona Pulú, as rezadeiras e todos os participantes do Altar do Menino Deus. E embora a reza seja composta por orações do devocionário colonial católico, a maioria não faz parte da liturgia oficial da Igreja Católica, que classifica manifestações como essa como “práticas religiosas produzidas pelos estratos

sociais mais simples e subalternos da sociedade” (JORGE, 1994, p. 65). Essas práticas, no entanto, vulgarmente chamadas de “religiosidade popular”, conceito colonialista baseado em uma estrutura de poder excludente, até hoje fazem a festa da alteridade, da diversidade e da singularidade, rompendo com a imposição e a violência eurocêntrica e hegemônica da padronização religiosa e da monocultura.

REFERÊNCIAS

BIÃO, Armino Jorge de Carvalho (org). **Artes do corpo e do espetáculo: questões da etnocenologia**. Salvador (BA): P&A Gráfica e Editora, 2007.

BIÃO, Armino Jorge de Carvalho. **Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos**. Salvador (BA): P&A Gráfica e Editora, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 5ª ed. Curitiba: Positivo, 2010

JORGE. J. Simões. **Cultura Religiosa I. O homem e o Fenômeno Religioso**. São Paulo: Loyola, 1994.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

QUEIROZ, Fr. João de S. Joseph. **Memórias**. Porto (PT): Typographia da Livraria Nacional, 1868.

SCHECHNER, Richard, BRADY, Sara. *Whatisperformance?* In: **Performancestudies: anintroduction**. 3ª ed. USA e Canadá: Routledge, 2013.

WILLIAMS, Raymond. *Hegemonia/Tradições/Dominantes/Residual e Emergente, Estrutura de Sentido*. In: **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.